

O IMPACTO DAS GRANDES GUERRAS NA VIDA DAS FAMÍLIAS HÚNGARO-BRASILEIRAS

Mateusz Hangrád (aluno)

André Matsuno da Frota (orientador)

RESUMO

A partir de uma análise da história da diáspora húngara ocidental e do modo de vida atual dos integrantes da comunidade húngara de São Paulo, o presente artigo busca compreender os impactos das grandes guerras no cotidiano dos cidadãos húngaro-brasileiros, bem como em sua identidade e cultura, de modo a demonstrar como a história contribui ativamente para o estabelecimento de um determinado ordenamento social e cultural nos dias atuais, além de demonstrar como a globalização igualmente contribui com o aperfeiçoamento das tradições húngaras no Brasil. Para tanto, o artigo fará uso de contribuições documentais da associação húngara paulista, de trabalho de campo anteriormente realizado na Hungria, de entrevistas com integrantes da comunidade húngara, de observação participante na associação em estudo, bem como de artigos e posicionamentos extemporâneos ao presente.

Palavras chave: Grandes Guerras. Húngaros no Brasil. Vida cotidiana. Impactos da história.

1 INTRODUÇÃO

Compreender os impactos da história mundial no cotidiano, nas tradições culturais e na identidade pessoal dos cidadãos húngaro-brasileiros e da Associação Húngara de São Paulo ou, mais ainda, de indivíduo e organização que hoje são importantes atores das Relações Internacionais, é também compreender o significado da globalização no mesmo âmbito, movimento este que acontece há muito tempo e que vem se intensificando a cada dia.

Isso porque, segundo André Frota em “Globalização e Governança Global: fundamentos teóricos” (Curitiba: Intersaberes, 2017), a globalização é um processo de “intensificação do globalismo”, e o globalismo, por sua vez, é um termo que indica “um estado do mundo que envolve redes de interdependência em distâncias multicontinentais ligadas por fluxos e influências de capital e bens, informações e

¹ Aluno de graduação do curso de bacharelado em Relações Internacionais do Centro Universitário Internacional UNINTER.

² Graduado em Geografia, especialista em Análise Ambiental e mestre em Ciência Política pela UFPR. Professor de graduação do Grupo UNINTER.

ideias, pessoas e força, assim como substâncias ambiental e biologicamente relevantes” (Keohane, 2002, p. 229, *in* Frota, 2017). A operacionalização do globalismo se daria, entre outros fatores, pelo da sensibilidade cultural, isto é, “todos os tipos de efeitos de ideias, informação e imagens, da moda global à difusão transnacional de argumentos sobre a própria interdependência” (Keohane, 2002, pg. 237, *in* Frota, 2017).

Conforme será adiante melhor verificado, a comunidade húngara chegou a perder sua força e tradição dentro do Brasil por questões históricas e políticas até mesmo contemporâneas às grandes guerras. Contudo, em razão dos movimentos de globalismo, isto é, do fluxo de informações e de ideias, em especial do aumento da sensibilidade política e cultural, hoje as tradições e a língua húngara moderna penetram com efetividade no cotidiano dos cidadãos húngaro-brasileiros que pertencem às famílias que, há algumas décadas, se instalaram em São Paulo e montaram quase que uma mini Hungria nos bairros da capital paulista. Sendo assim, evidencia-se o potencial de influência da cultura e da política nos novos e importantes atores das relações internacionais, quais seja, as pessoas e as organizações.

A seguir apresenta-se o processo de formação e desenvolvimento da Comunidade Húngara de São Paulo, e o cotidiano de seus integrantes, de modo a evidenciar o nexo de causalidade entre as consequências das grandes guerras e a vida de pessoas que, de fato, nunca estiveram materialmente ligadas a elas, mas que vivem hoje uma vida completamente atrelada a suas consequências políticas e culturais, mostrando a relevância das movimentações históricas do mundo no cotidiano, na formação da identidade e de um ordenamento sócio-cultural.

2 A FORMAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE HÚNGARA DE SÃO PAULO E O ESTILO ATUAL DE VIDA DE SEUS MEMBROS

Com a assinatura do Tratado de Trianon após a Primeira Guerra Mundial e com o advento das ideias nazifascistas que tiveram seu ápice na Segunda Guerra Mundial, muitas famílias húngaras acabaram por se deslocar de suas terras natais para países como o Brasil, os Estados Unidos, o Uruguai e a Argentina.

Na ocasião da assinatura do Tratado de Trianon, o que aconteceu em Versalhes, na França, em 1920, discutia-se a situação do novo Estado húngaro pós-Primeira Guerra Mundial e que substituíra o Reino da Hungria, parte do desconstituído Império Austro-Húngaro. Negociavam os vencedores da guerra – como Estados Unidos, Reino Unido e França, seus aliados – como Romênia e Tchecoslováquia, bem como os perdedores da guerra, representados pela Hungria.

A Hungria acabou perdendo dois terços de seu território e quase dois terços de sua população, e nada pôde fazer senão acatar as decisões dos países vencedores, entregando Burgenland à Áustria; Rutênia e Eslováquia à Tchecoslováquia; Croácia, Eslavônia e Voivodina à Iugoslávia e, em especial, a Transilvânia à Romênia, tendo perdido sua saída ao mar pela Croácia, bem como criado grande minoria étnica húngara na Iugoslávia (Região dos Balcãs), na Tchecoslováquia (território atual da Eslováquia), e, principalmente, na Romênia, as quais até hoje reclamam, através de agremiações e movimentos políticos, pela reintegração destes territórios à atual Hungria.

Já na ocasião da Segunda Guerra Mundial, a Hungria assistiu muitos de seus cidadãos judeus fugirem para países distantes – como o Brasil – em razão da proliferação das ideias nazifascistas, das quais a própria Hungria era adepta, através do Partido da Cruz Flechada – Movimento Húngaro (Nyilaskeresztes Párt – Hungarista Mozgalom, em húngaro), que comandou a Hungria no chamado Governo de Unidade Nacional, entre 1944 e 1945.

A maioria dos cidadãos húngaros que viviam na Transilvânia não aceitaram perder a cidadania húngara, tendo simplesmente se tornado romenos e, sem poder retornar à Hungria como húngaros, consideravam-se sem pátria e por isso decidiram sair de suas terras natais. Vieram de navio como romenos e pararam em território ianque, brasileiro, uruguaio e argentino, tendo nestes locais se estabelecido. A maior parte dos “cidadãos da Transilvânia” (székelyek, em húngaro) acabaram por desembarcar no porto de Santos, algum tempo depois da assinatura do Tratado de Trianon, e se instalaram em São Paulo, Capital, onde atualmente estão os bairros da Lapa e de Pirituba.

Na cidade de São Paulo, os húngaros acabaram formando uma verdadeira mini Hungria dentro do Brasil, criando escolas em húngaro, igrejas com missas em húngaro, jornais com notícias da Hungria e do Brasil veiculados na língua húngara e até mesmo uma rádio húngara local funcionava na região. As famílias estabeleceram uma agremiação e faziam muitos eventos com danças, bailes, recitação de poemas, e a tradicional comida húngara, com lángos (pão húngaro frito), palacsinta (panqueca húngara), gulyásleves (sopa de carne goulash), töltött káposzta (repolho recheado), töltött paprika (páprica rechada), kifli (croissant), dentro outros. Ainda hoje existem resquícios da Comunidade Húngara na Lapa de Baixa, na capital paulista, como igrejas, escolas e casas que, entretanto, atualmente não estão mais ligadas aos cidadãos húngaros que as edificaram.

Os cidadãos húngaros que estabeleceram a comunidade húngara na região da Lapa e de Pirituba, quando moravam na Hungria, eram, em sua maioria, trabalhadores rurais ou da indústria pesada, e não possuíam aquisições e condições financeiras exuberantes, tanto que no Brasil ocupavam posições muito parecidas. Por isso, a comunidade húngara da década de 20 e 30 era de uma região muito simples.

Com a vinda dos judeus húngaros para o Brasil na década de 40, e à vista de já existir comunidade húngara instalada na capital paulista, muitos deles também resolveram parar em São Paulo. Contudo, como vinham de classe social completamente adversa das famílias da Lapa e de Pirituba, acabaram por se instalar na zona sul paulistana, construindo uma comunidade completamente nova, que muitas vezes entrava em conflito com a comunidade da Lapa, tanto que existiam dois grupos de danças populares em cada comunidade, e eles competiam entre si, nunca se misturando.

Contudo, os húngaros instalados na Lapa acabaram se dispersando, tendo se mudado para cidades do interior à trabalho, e a comunidade na Lapa acabou se dissolvendo com o tempo, até porque a condição material daquelas famílias, como já salientado, não era muito alta. Diferente foi o desfecho da comunidade na zona sul, que permanece ativa até os dias de hoje. E, como a comunidade da zona oeste acabou de desconstituindo, as atividades húngaro-brasileiras acabaram por se centralizar na Vila Olímpia (zona sul de São Paulo, Capital), onde até hoje existe a Casa Húngara, o Consulado da Hungria, o Colégio Santo Estêvão (este localizado no

Morumbi, bairro ao lado), bem como muitas casas de doces e comidas húngaras, sendo que os grupos de danças reuniram suas atividades na atual Casa Húngara e atualmente, apesar de serem grupos distintos, se apresentam conjuntamente.

Hoje, muitas famílias húngaras não frequentam mais a comunidade húngara principalmente porque estão muito longes dos locais de suas atividades, muitas vezes em outras cidades e Estados. E, por este motivo, acabaram por não falarem mais a língua de origem e a não repassarem esta língua aos familiares mais novos, o que fez com que o tempo apagasse um pouco a intensidade das movimentações húngaras dentro do Brasil.

Com o advento de novo ordenamento jurídico na Hungria em 2010 um pouco mais democrático, as famílias húngaras que haviam perdido suas cidadanias puderam readquiri-las se ainda possuíssem a cultura húngara e falassem a língua de origem. Trata-se, de um ponto de vista político, de uma estratégia de um governo, considerado pela Europa como ditatorial, de conquistar novos eleitores húngaros fora da Hungria, como deixa parecer o vídeo “Húngaro – Brasília”, de produção da Debrecen Televízió, em 2014 (disponível no Youtube). Entretanto, tal legislação instaurou, no âmbito da comunidade húngara em São Paulo, uma esperança em reunir novamente integrantes das famílias que se instalaram no Brasil e criaram uma verdadeira Hungria dentro de São Paulo. Neste sentido, iniciou-se uma verdade reconexão da comunidade húngara paulista com a Hungria, de modo que a comunidade recebeu livros, pôde atualizar seu linguajar (utilizava-se um húngaro muito antigo no Brasil), tendo sido inclusive presenteada, pelo primeiro ministro húngaro, com uma bandeira húngara que havia sido hasteada no parlamento húngaro, considerado por muitos guias turísticos como o parlamento mais bonito da Europa.

Aliás, tudo que até percorrido sobre a atualidade da comunidade húngara de São Paulo foi observado pelo autor em observação participante, pois o autor tem origem húngara, conhecendo as movimentações da comunidade em estudo e, apesar de possuir valores e convicções pré-estabelecidos a influenciar a pesquisa, estes são frutos da própria comunidade que está sendo observada, razão pela qual se mostra absolutamente relevante este método de pesquisa com foco no tema e problematização envolvidos. Isto porque a própria observação científica não pode ser passiva em relação ao mundo; neste sentido, o cientista enxerga a situação por

noções e conceitos previamente estabelecidos, e desta forma pode registrar aquilo que se deve levar em conta e descartar aquilo que não tem relevância para a pesquisa (PREMEBIDA *et al.*, 2013, p. 15).

Observação participante é, segundo Premebida,

a coleta de informações de maior riqueza e amplitude, visto que existem muitas situações ou fenômenos empíricos dificilmente percebidos por meio do uso de questionários fechados ou entrevistas direcionadas. A observação participante exige um mergulho do cientista na realidade que será analisada, o que a torna uma técnica singular e poderosa na obtenção dos significados e sentidos que orientam o comportamento dos indivíduos ou que são incorporados na produção da realidade social.

Sendo assim, o observador participante coleta dados por meio de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda (Becker, 1999, p. 47 *in* Premebida, 2013, p.g 69).

Nada obstante isso tudo, aconteceram, ainda, duas entrevistas individuais com outros integrantes da comunidade húngara paulista. Neste sentido:

No caso específico da utilização de entrevistas individuais no campo das ciências sociais, devemos também considerar que a apreensão de qualquer tema, por parte do entrevistado, representa uma expressão individual que está fortemente amalgamada a determinadas categorias sociais; logo, podemos apreendê-lo (o entrevistado) como um canal possível no acesso a determinados elementos e processos do mundo social. (premebida, 2013, pp. 55-56).

As entrevistas realizadas, sendo elas um método capaz de revelar um entrevistado como um canal de acesso a um dado relevante no processo social geral, mostraram o estilo de vida dos húngaro-brasileiros e os valores e convicções da comunidade como um todo, bem como os impactos dos processos políticos e históricos na vida pessoal dos entrevistados e de suas famílias, genericamente extensivo às famílias que passaram pelas mesmas situações.

Em entrevista com a senhora Terezinha Hangrád Mazoco, 56 anos, nascida e residente em São Paulo, Capital, mas de pais húngaros e que frequentou a comunidade húngara da Lapa quando criança, bem como falava o idioma em sua casa, foi possível verificar que sua família parou de falar o idioma húngaro na ocasião da ditadura civil-militar brasileira, e que isso até hoje é motivo de decepção e tristeza em toda a família da entrevistada. Isso porque, conforme relatado pela entrevistada, diferente de sua mãe ela não frequentou escola húngara em Pirituba, mas brasileira,

e, nas aulas, quando criança, trocava algumas palavras em português para o húngaro, e os colegas de classe e a professora não a compreendiam. Assim, a professora pediu aos seus pais que não mais falassem em húngaro pois tal situação iria supostamente prejudicar o desenvolvimento acadêmico da entrevistada, sendo que sua avó sequer se comunicava em português. Descontentes com o solicitado, contudo, como a ditadura estava instaurada no Brasil e o professor possuía um título de muito respeito e consideração na sociedade, sua família fez de tudo para não mais falar húngaro, com exceção de sua vó. A entrevistada ainda afirmou que, nada obstante tudo isso, eles continuavam falando em húngaro entre si e continuavam, dentro de casa, com tradições e culinária húngaras. Perguntada sobre a origem de sua família, ela disse que a família de seu pai trabalha com ferrovia e que a família de sua mãe trabalhava na agricultura, mas que ambos eram muito pobres e que eram também muito religiosos (de religião católica) e, além disso, muito tristes, pois consideravam-se sem pátria e tinham um certo desapontamento com a Hungria por ter aceitado os termos de um acordo que promoveu, para eles, uma verdadeira injustiça.

Em entrevista com a senhora Margarida Eber Marchi, 92 anos, nascida e residente em Jundiaí – SP, mas de pais húngaros e que, ao chegarem ao Brasil, se instalaram na Lapa e permaneceram por anos da comunidade húngara paulista, ao ser questionada respondeu que sempre falou húngaro com sua família até a morte de seus pais, e que não passou a língua para seus filhos e netos pois seu marido era de origem italiana e entendeu por bem manter as tradições e língua do Brasil na família, já que seu marido também não transmitiu a língua italiana para seus filhos. Questionada sobre a origem de sua família, a entrevistada afirmou a família de seu pai era ferroviária e a de sua mãe, da agricultura e que se mudaram de São Paulo para Jundiaí alguns anos depois de chegarem no Brasil e nesta cidade instalaram comércios que os sustentam até hoje. Afirmou a entrevistada, ainda, que seus pais e avós eram muito fechados e tristes, pois uma parte da família tinha se perdido, tudo por conta do fato de estrangeiros terem simplesmente “assinado papéis e mudado vidas de famílias”.

Ademais, conforme se pode verificar do já mencionado vídeo “Húngaro – Brasília”, de produção da Debrecen Televízió, em 2014 (disponível no Youtube) em entrevistas realizadas com o senhor Zsolt Iróff, integrante ativo da comunidade húngara de São Paulo e diretor geral do Colégio Santo Estêvão, e com a senhora

Sarolta Hársi, do grupo de escoteiros húngaros, o grande desafio da comunidade húngara, hoje, é o de manter os mais novos dentro da comunidade e falando a língua, pois muitas famílias pararam de falar o húngaro e, por ser considerada uma das línguas mais difíceis do mundo, conforme Chico Buarque mesmo diz em seu livro “Budapeste” (Rio de Janeiro: Editora Companhia das Letras, 2013), muitos não tem mais interesse em voltar a aprender, e os mais velhos não a ensinam, ou porque possuem uma trava política ou psicológica ou porque simplesmente têm vergonha de falar um húngaro muito antigo que não é mais falado na Hungria, já que os mais velhos não se atualizaram, mesmo com a boa comunicação que hoje a comunidade húngara mantém com pessoas e entidades na Hungria. Ainda assim, eles têm conseguido superar estes desafios e hoje permanecem com atividades de danças populares, aulas de húngaro moderno, grupos de escoteiros húngaros, jantares, bailes e apresentações que fomentam cada vez mais a cultura húngara no Brasil, além de um especial contato com organizações da Hungria para manter uma ponte de atualização cultural e linguística, sendo que frequentemente eles recebem visitas ilustres, inclusive de políticos e personalidades renomadas da Hungria.

Outrossim, através da análise do vídeo “Magyar vagy-e, székely?”, de produção de Uh Pontro, em 2013 (disponível no Youtube), podemos verificar que até o hoje os cidadãos da Transilvânia possuem tradição integralmente húngara e se consideram húngaros, ao mesmo tempo em que se consideram “cidadãos da Transilvânia” (székélyek, em húngaro), nunca citando qualquer tipo de influência romena, apesar de hoje, por força política, também falarem a língua romena e de possuírem as duas nacionalidades, sem se olvidar que, estando em observação participante na região de Arad, condado de Arad, na Transilvânia, verifica-se que, nada obstante tudo isso, já existem famílias 100% romenas que habitam a região da Transilvânia e que sequer falam húngaro, mostrando que, apesar de ser uma região de fato húngara, a globalização permitiu com que o antigo e histórico desentendimento entre húngaros e romenos fosse cada vez mais sendo resinificado, já que, à época das Grandes Guerras, famílias destas nacionalidades sequer poderiam se conversar.

Aliás, é possível verificar que, à medida em que a história promoveu uma segregação pelo ódio, ainda existem muitas tentativas de sucesso na promoção do respeito, da paz e da cooperação entre os diferentes, como ocorre com os húngaros e os romenos hoje na Transilvânia e como ocorreu com os grupos de dança das

antigas e separadas comunidades húngaras de São Paulo, todas situações criadas por um pequeno grupo de pessoas, demonstrando que as pessoas e as pequenas organizações hoje também são de fato grandes atores internacionais. Neste mesmo diapasão, Guilherme Bez Marques acrescenta:

[...] pode-se conceituar ator internacional como todo ente ou grupo social que participa de maneira eficaz e significativa na condução de questões importantes e fundamentais para a sociedade internacional. Capaz de determinar significativamente a condução das relações internacionais. Ademais, o ator internacional deve ser capaz de cumprir funções importantes no contexto internacional, seja funções políticas, comerciais, econômicas, militares, culturais, entre outras.

Sendo assim, evidente que os novos atores das relações internacionais podem e já estão contribuindo significativamente na condução da comunidade internacional a uma situação de paz e cooperação através de atuação direta no contexto internacional em funções culturais, sociais e até mesmo políticas, de modo a permitir com que a história passe a influenciar positivamente a vida das pessoas – com respeito e cooperação – e não negativamente, como se observou no estudo deste artigo que se fazia outrora, com segregação e violência.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estuda-se história muitas vezes sem quaisquer perspectivas de sua relevância na vida atual das sociedades e dos indivíduos. O presente artigo demonstrou, através da análise de um pequeno grupo, como a história contribui efetivamente com o estabelecimento de determinado ordenamento social e cultural. Neste sentido, restou evidente como o Tratado de Trianon, acontecimento histórico de Vesalhes, na França, impactou famílias e tradições em São Paulo, no Brasil, mostrando-se necessária a continuidade e o incentivo do estudo da história na direção de compreender com eficácia todo o emaranhado sociocultural de um mundo cada vez mais globalizado, isto é, de um mundo cada vez mais sensível econômica, política e, principalmente, culturalmente para que, com pequenas atitudes como as apresentadas neste, os atores internacionais possam, cada vez mais, cooperarem para o estabelecimento de uma efetiva tranquilidade mundial.

REFERÊNCIAS

FROTA, André *et al.* Globalização e Governança Internacional: fundamentos teóricos. Curitiba: Intersaberes, 2017.

PREMEBIDA, Adriano *et al.* Pesquisa Social. Curitiba: Intersaberes, 2013.

MARQUES, Guilherme Bez. Velhos e novos atores: as relações internacionais de Vestfália ao século XXI. *Ius Gentium: teoria e comércio no direito internacional*, Florianópolis, 2008, n. 1, p. 32, jul. 2008. Revista eletrônica disponível em <<http://www.iusgentium.ufsc.br/revista/artigo01.pdf>>. Acesso em 24. abr. 2017.

Húngaro – Bráziia. Produção de Debrecen Televízió. Debrecen: Debrecen Televízió, 2014. Youtube (52 min e 40 seg): son, color. Húngaro. Sem legenda. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=dPSTOvQPQM0>>. Acesso em 24 abr. 2017.

Magyar vagy-e, székely? Produção de Uh Pontro. Transilvânia (Romênia): 2013. Youtube (2 min e 21 seg): son, color. Húngaro. Sem legenda. Disponível em; <<https://youtu.be/vVgFzavSXu8>>. Acesso em 24 abr. 2017.

Associação Húngara – Bráziiai Magyar Segélyegylet – Magyar Ház. Site institucional da Comunidade Húngara de São Paulo. Disponível em <<http://www.ahungara.org.br/>>. Acesso em 24 abr. 2017.